

RESSALVA

Atendendo solicitação
do(a) autor(a), o texto completo
desta dissertação será
disponibilizado somente a partir de
06/12/2025.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

BEATRIZ CANTUÁRIA JAKUBOWSKI DOS SANTOS

**ENTRE CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: REPRESENTAÇÕES DE
INDÍGENAS NA REVISTA *CARETA* (RJ, 1908-1920)**

FRANCA

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

BEATRIZ CANTUÁRIA JAKUBOWSKI DOS SANTOS

**ENTRE CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: REPRESENTAÇÕES DE
INDÍGENAS NA REVISTA *CARETA* (RJ, 1908-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (PPGH/UNESP), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

FRANCA

2023

S237e

Santos, Beatriz Cantuária Jakubowski dos

Entre civilização e barbárie : representações de indígenas na revista Careta (RJ, 1908-1920) / Beatriz Cantuária Jakubowski dos Santos. -- Franca, 2023
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. História cultural. 2. história da imprensa. 3. povos indígenas. 4. revista Careta. 5. representações. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BEATRIZ CANTUÁRIA JAKUBOWSKI DOS SANTOS

**ENTRE CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: REPRESENTAÇÕES DE INDÍGENAS NA
REVISTA *CARETA* (RJ, 1908-1920)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____

Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães. UNESP

1º Examinador: _____

Prof.^a Dr.^a Fabiana Lopes da Cunha, UNESP

2º Examinador: _____

Prof.^o Dr.^o Evander Ruthieri Saturno da Silva, UNILA

Franca, 6 de dezembro de 2023.

A Elaine e Demilson, a razão de tudo.
À Luísa, por dividir comigo o passado.
A Erick, com quem escrevo o futuro.

AGRADECIMENTOS

A escrita da presente dissertação foi uma jornada que não trilhei sozinha, de modo que alguns agradecimentos se fazem necessários.

Em primeiro lugar, agradeço à professora Valéria dos Santos Guimarães, cuja orientação cuidadosa e atenta foi fundamental para esse texto e para mim. Nenhuma página seria o que é sem o seu apoio. Agradeço também aos colegas orientandos, com quem dividi recomendações de leitura, dúvidas, anseios e felicidades.

Às professoras Fabiana Lopes da Cunha, Maria Regina Celestino de Almeida e ao professor Evander Ruthiere Saturno da Silva, que participaram das bandas de qualificação e/ou defesa, agradeço pela leitura cuidadosa e por todos os comentários que me ajudaram a aprimorar o texto.

Obrigada à toda a equipe que garante o funcionamento da UNESP: docentes, técnico-administrativos e funcionários de serviços gerais. Seu trabalho, muitas vezes invisível, é fundamental na vida acadêmica de cada um dos discentes. Um agradecimento especial à Máisa Helena de Araújo pelo auxílio em cada uma das minhas dúvidas.

Agradeço aos meus pais, Elaine e Demilson, por sempre me incentivarem a estudar e a seguir meus sonhos, nada teria sido possível sem o carinho e o apoio de vocês. E à minha irmã, Luísa, sempre minha maior fã e maior crítica, com quem tenho a honra de dividir um sobrenome que não pertence a ninguém da nossa família.

Erick, meu companheiro, obrigada por estar ao meu lado desde quando eu tinha medo de prestar vestibular e sempre demonstrar confiança nas minhas capacidades e no meu trabalho. Não consigo imaginar essa trajetória sem você.

Agradeço aos amigos que me acompanharam desde os primeiros momentos da graduação e hoje são parte fundamental da minha vida. Canjica, a melhor pessoa que o mudo tem notícia, obrigada por me ensinar a respirar entre uma página e outra. Natasha, destinatária de todas as minhas cartas, sempre serei grata por sua amizade. André, que compartilhou comigo o amor pela licenciatura. Luiz, obrigada por me ajudar a dar os primeiros passos em Franca. Patty, que me deu uma *Careta* e me ouviu por horas quando contei como isso mudou minha pesquisa, obrigada por ser você. Inquisidor, uma grande surpresa do mestrado, admiro muito o historiador e o amigo que você é. E, claro, agradeço à República Infiltração que sempre foi minha segunda casa e me garantiu que os últimos 7 anos fossem marcados por excelentes amizades, conversas e muitos filmes esquisitos.

Por fim, obrigada Alfajor, Botinhas, Surpresa, Katsuki, Júpiter e Catarina, os melhores gatos do mundo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E a oca virou taba
A taba virou metrópole
Eis aqui a grande Tupinicópolis.

Gibi, Chico Cabeleira, Nino Batera e J. Muinhos
(**Tupinicópolis**. Samba Enredo do Grêmio
Recreativo Escola de Samba Mocidade
Independente de Padre Miguel. RJ: 1987).

RESUMO

O início do século XX no Brasil foi marcado por uma numerosa produção de periódicos. Dentre eles, a *Careta* (RJ, 1908-1960) se tornou destaque entre as revistas ilustradas, repleta de caricaturas e fotografias, marcada pelo seu humor satírico e retratando os mais diversos assuntos. Durante sua primeira década, os indígenas foram pauta frequente em suas edições, sendo representados de variadas formas e por diversos colaboradores. O objetivo da presente dissertação é identificar, analisar e classificar as representações de indígenas na revista *Careta*, utilizando para tal fotografias, ilustrações e textos nela publicados e buscando responder quais eram as representações como estas variavam de acordo com a autoria e temática e, de maneira geral, como a revista se posicionava frente aos debates em relação aos indígenas do período. Como procedimento metodológico, a partir do corpus composto por fontes iconográficas e textuais selecionadas entre os anos de 1908 a 1920, foram constituídas séries temáticas a partir da recorrência de determinadas representações. Chegou-se à hipótese de que elas poderiam ser organizadas em: indígenas catequizados, civilizados, românticos/idealizados e selvagens, variando também de acordo com o local em que apareciam, a cidade, a floresta ou o campo. A segunda hipótese defendida considera a *Careta* como detentora de um discurso ora progressista, ora estigmatizante em relação ao papel dos indígenas na sociedade brasileira. Como abordagem teórica, foi utilizado o conceito de representação de Roger Chartier.

Palavras-chave: História cultural, história da imprensa, povos indígenas, revista *Careta*, representações.

ABSTRACT

The beginning of the 20th century in Brazil was marked by a numerous production of periodicals. Among them, *Careta* (RJ, 1908-1960) became a highlight among illustrated magazines, full of caricatures and photographs, marked by its satirical humor and portraying the most diverse subjects. During its first decade, indigenous people were a frequent topic in its editions, being represented in different ways and by different collaborators. The objective of this dissertation is to identify, analyze and classify the representations of indigenous people in *Careta* magazine, using photographs, illustrations and texts published in it and seeking to answer what were the representations, how they varied according to authorship and theme and, in general, how the magazine positioned itself in the face of debates regarding indigenous people of the period. As a methodological procedure, based on the corpus composed of iconographic and textual sources selected between the years 1908 and 1920, thematic series were created based on the recurrence of certain representations. It was hypothesized that these could be organized into: catechized, civilized, romantic/idealized and savage, also varying according to the place in which they appeared, the city, the forest or the countryside. The second hypothesis defended considers *Careta* as having a discourse that is sometimes progressive and sometimes stigmatizing in relation to the role of indigenous people in Brazilian society. As a theoretical approach, Roger Chartier's concept of representation was used.

Keywords: Cultural History, History of press, indigenous people, *Careta*, representations.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Um habitante dos sertões	11
Figura 2. Comparação de capas da <i>Careta</i>	14
Figura 3. Capa típica da revista <i>Careta</i>	15
Figura 4. <i>Careta</i> , versão ampliada	16
Figura 5. <i>Careta</i> , versão reduzida	17
Figura 6. Banda dos bororós	29
Figura 7. Anúncio da máquina de escrever Oliver nº6	36
Figura 8. “Os Cherentes”	37
Figura 9. Carnavalescos conversando com Alfredo Pinto	44
Figura 10. Pierrot e indígena no Carnaval	45
Figura 11. Fantasia de Carnaval	47
Figura 12. <i>Indígenas do Toldo da Guarita</i>	52
Figura 13. A catequese agrícola	57
Figura 14. Rodolpho Miranda e a “civilização” dos indígenas	61
Figura 15. Tônico Iracema	80
Figura 16. Salsa de Hollanda	81
Figura 17. Am-fy Guassú e o <i>Dynamogenol</i>	83
Figura 18. A morte de Estácio de Sá	84
Figura 19. Cirurgia dentária entre indígenas americanos	87
Figura 20. A morte de Salvador Tambeiro	96
Figura 21. “Uma índia educada”	99
Figura 22. A Guerra na França	100
Figura 23. <i>La vierge apache</i>	104
Figura 24. <i>L’apache est la plaie de Paris</i>	105
Figura 25. Um sem trabalho	108
Figura 26. Canção do apache	112
Figura 27. A vida conjugal dos outros	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HDBN - Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional

MAIC - Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

SPILTN - Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhador Nacional

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Pelas ruas da cidade	27
1.1. Civilizados	27
1.2. Selvagens na cidade	34
1.3. O povo e a <i>Careta</i>	49
2. Florestas de mata virgem	51
2. 1. Catequização dos indígenas	57
2. 2. Botocudos e antropófagos	75
2. 3. O indígena romântico	80
3. Os indígenas estrangeiros	88
3. 1. Apaches	103
4. Considerações finais	115
Referências Bibliográficas	120

Introdução

Em maio de 1910, na edição 102, a *Careta* trouxe a fotografia de Libanio Coloiosêrêcê acompanhada de um pequeno texto intitulado *Um habitante dos sertões* e que não possui indicação de autoria. O major, cacique dos Parecis, foi descrito como “um dos grandes auxiliares do coronel Rondon em sua comissão construtora de linhas telegráficas”¹ e seus trajes foram muito elogiados pela revista. Na fotografia (Fig. 1), Libanio aparecia vestindo trajes formais completos, com paletó, gravata e colete bem ajustados ao corpo e trazia o cabelo penteado para trás, o que, segundo o texto, destoava muito da “moda do sertão”, ou seja, o vestuário tradicional indígena. Reforçando o enaltecimento aos trajes do major, a *Careta* ressaltou que não poderia ser criticado nem mesmo por Figueiredo Pimentel, colunista social bastante conhecido no período pelos comentários ácidos sobre os novos costumes urbanos², o que incluía a adoção dos novos estilos e modas. Disse, ainda, que sua elegância “virou a cabeça de muita gentil carioca”, o que pode ser interpretado como um elogio, apesar do tom exagerado que beira o sarcasmo. Além disso, o fato de a imagem ser uma fotografia de estúdio assinada por Musso & Cia. faz supor que Libanio tinha acesso a recursos que não estavam disponíveis à grande parte da população, pois as mesmas poderiam custar 4\$000 réis em 1900³. Apesar do valor elevado, cabe lembrar que ele possuía um cargo de alta patente no exército, era major, portanto estaria apto a arcar com esse tipo de gasto.

A própria existência da fotografia é um elemento que permite algumas reflexões derivadas das escolhas que levaram a ela. Mais do que uma tentativa despretensiosa de registrar um momento, ela representa o desejo de autoafirmação na sociedade carioca por meio do compartilhamento de signos referentes à moda e à masculinidade.

¹ Povos do Sertão era uma entre as diferentes formas utilizadas no período para se referir aos indígenas que viviam de acordo com sua cultura tradicional e/ou fora dos aldeamentos urbanos. Esse uso do termo surgiu no início da colonização e a palavra sertão era então usada como um modo de salientar que a localidade se encontrava fora dos limites da administração colonial. KOK, Glória. **Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 91-109 jul.- dez. 2009, p. 92.

² Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um jornalista que, entre 1907 e 1914, redigiu a coluna *Binóculo* na *Gazeta de Notícias*, o termômetro social da elite que buscava estar em consonância com as novidades de Paris e Londres e é tido como criador da crônica social no Rio de Janeiro. GÓES, Fred. O carnaval elegante de Figueiredo Pimentel. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 21-31, nov. 2015, p. 24; SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.38.

³ BELTRAMIM, Fabiana Marcelli S. **Entre o estúdio e a rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano**. 2015. 457 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 90.

Figura 1. Um habitante dos sertões



Fonte: *Careta*, 14 de maio de 1910, edição 102, p. 10. Acervo: Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional (HDBN).

Major Libanio Coloiosêrêcê, cacique dos Parecis, tribo que habita as selvas de Mato Grosso. O major Libanio foi um dos grandes auxiliares do coronel Rondon, em sua comissão construtora de linhas telegráficas.

Na fotografia que publicamos o ilustre chefe pareci não está absolutamente vestido à moda do sertão. O Figueiredo Pimentel nada mesmo teria a dizer de sua toilette. É que o major Libanio vindo ao Rio acomodou-se imediatamente ao meio e, rapagão sacudido, deitou elegância, achando-se tão desembaraçado nesses nossos trajes que dizem virou a cabeça de muita gentil carioca.

O chefe pareci parte agora para Matto-Grosso, saudosos de sua taba e de sua família.⁴

Libanio Coloiosêrêcê foi, portanto, representado de acordo como civilizado, mostrando-se plenamente assimilado à sociedade carioca pois “acomodou-se imediatamente ao meio”, apresentando ao leitor a ideia da adaptação dos indígenas de acordo com a última moda. A alta estima com que a revista tratou a figura do major se expressa por meio da exaltação de seus feitos junto ao coronel Rondon, afastando-o da generalização idealizante usualmente observada quando os indígenas eram pauta na *Careta*, conforme será analisado no decorrer da presente dissertação.

⁴ *Careta*, 14 de maio de 1910, edição 102, p. 10

Aqui vai a nossa *Careta*.

Lançando à publicidade este semanário, é preciso confessar, e contritamente o fazemos, que a *Careta* é feita para o Público, o grande e respeitável Público com P. grande!

Se tomamos essa liberdade foi porque sabíamos perfeitamente que ele não morre de caretas.

Longe vai o tempo em que isso acontecia.

Todavia, a nossa esperança é justamente que o público morra pela *Careta*, a fim de que ela viva.

E feita cinicamente essa confissão egoística (nós estamos no século XX) digamos logo que o nosso programa cifra-se unicamente em fazer caretas.⁵

O trecho acima compôs o editorial da primeira edição da revista *Careta*, publicada em 6 de junho de 1908. Chamado de artigo de fundo, ele trouxe um manifesto dos propósitos e objetivos do periódico, apresentando seu público-alvo, o “grande e respeitável Público com P grande!”, ou seja, as camadas médias e a elite carioca⁶. A *Careta* também usou o texto para afirmar seu tom sarcástico, marcado pela crítica de costumes e a intenção de provocar, presentes já em seu primeiro volume.

Se ao ver (sic) a *Careta*, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das seções galantes do jornalismo *smart*, franzir graciosamente as graciosas sobancelhas, na boquita rubra estalando um desprezador muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia caretta, pelo menos.⁷

A ênfase exagerada na graciosidade da “gentil senhorita” atua de maneira jocosa, e colabora para demonstrar que todos seriam assunto e, portanto, caretas, ainda que fizessem parte das camadas mais altas da sociedade. Seu tom humorístico, auxiliado pela grande quantidade e qualidade de ilustrações e fotografias, contribuiu para tornar a *Careta* um periódico de sucesso, sendo encontrada em engraxates, consultórios e barbeiros e tornando-se popular como nenhuma outra⁸.

Fundada por Jorge Schmidt, editor proprietário das revistas *Fon-Fon!* (RJ, 1907-1958) e *Kosmos* (RJ, 1904-1909), a *Careta* surgiu não apenas em decorrência dos avanços técnicos disponíveis, mas também para suprir certo vazio deixado na editora de Schmidt após o fim da *Kosmos*, um investimento caro por parte da empresa e que se mostrou muito custoso para o

⁵ *Careta*, 6 de junho de 1908, p. 9.

⁶ CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas *Fon-Fon!* e *Careta* (1908-1921).** Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, 2008, p. 86.

⁷ *Careta*, 6 de junho de 1908, p. 9.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 302.

público em geral⁹. De publicação semanal, a *Careta* teve uma longa duração de mais de 50 anos, sendo encerrada apenas em 1960 após a morte de Roberto Schmidt, que a assumiu em decorrência do falecimento de seu pai, Jorge, em 1935¹⁰. Ao longo dos anos a revista foi conhecida como um reduto de parnasianos¹¹ e teve um corpo de colaboradores composto por escritores renomados como Olavo Bilac, Lima Barreto, Edgar Barbosa de Barros, entre outros. Em relação aos aspectos gráficos, contou com grandes nomes da caricatura como Raul Pederneiras¹², K. Lixto¹³ e J. Carlos, artistas que tinham os costumes e hábitos de sociabilidade cotidiana como seus grandes temas e a cidade como seu palco¹⁴.

Participando da revista entre 1908 e 1921 e também durante a gestão de Roberto Schmidt até morrer em 1950, vítima de um mal súbito que lhe acometeu na redação do periódico¹⁵, J. Carlos teve um longo e brilhante labor artístico que praticamente se confunde com a vida da revista¹⁶ e formava, com Raul e K. Lixto, a grande trindade da caricatura brasileira¹⁷. Suas ilustrações eram, no dizer de Herman Lima, harmoniosas, claras, vivas e espirituais, duma notoriedade acessível ao mesmo tempo ao intelectual e ao vulgo, mas sempre longe do lugar-comum¹⁸.

A *Careta* possuía uma diagramação de fácil leitura e ricamente ilustrada, se tornando popular entre 1912 e 1918 pela beleza de suas artes e os versos de grandes poetas¹⁹. Sua capa trazia um *portrait-charge*, termo em francês que designa em português “caricatura”, mas que também pode ser traduzido como “careta”, retratando com os traços exagerados característicos da caricatura uma figura proeminente no cenário nacional, padronização que se

⁹ NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista *Careta* (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, Assis, v. 8, 2010, p. 68-69.

¹⁰ Ibid., 2010, p. 68.

¹¹ CUNHA, 2008, p. 84.

¹² Caricaturista e escritor, Raul Pederneiras iniciou sua carreira em 1898 no periódico *O Mercúrio* e publicou diversos livros, sendo *Musa Travessa: ruma de rimas sem rumo* (1936) o último deles. SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho**: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936). 2014. 477 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 36.

¹³ Calixto Cordeiro foi um artista carioca que trabalhou nas revistas *O Mercúrio*, *Kosmos*, *Fon-Fon!* e em 1904 fundou, com Raul Pederneiras, o periódico *O Tagarela*. Utilizava K. Lixto como assinatura em suas obras. K. Lixto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8643/k-lixto>. Acesso em: 30 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.

¹⁴ SILVA, op. cit., p. 81-82.

¹⁵ *Careta*, 14 de outubro de 1950, p. 19.

¹⁶ SODRÉ, 1999, p. 302.

¹⁷ LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, vol. 3, p. 1070.

¹⁸ Ibid., p. 1062.

¹⁹ Ibid., p. 1108.

manteve até a edição 97 de abril de 1910, quando passou a estampar cenas ou cenários acompanhados de um pequeno texto satírico²⁰. Seu logotipo, centralizado na parte superior, possuía um design despojado²¹ condizente com a revista.

Figura 2. Comparação de capas da *Careta*



Fonte: Duas capas da revista *Careta*. Respectivamente, 9 de abril de 1910, edição 87, e 23 de abril de 1910, edição 99. Acervo: HDBN.

Durante as duas primeiras décadas de circulação da *Careta*, a configuração das capas e do editorial se manteve praticamente imutável, o que permite considerar a padronização visual como um recurso utilizado intencionalmente²². Mas, apesar da busca por similaridade entre as edições, em alguns momentos o logotipo e a estrutura da capa foram alterados. A revista passou por algumas modificações em pequenos detalhes durante seus anos iniciais buscando aprimorar sua identidade visual que ganhou certa sofisticação com adornos elaborados e muitas cores.

As alterações, no entanto, não se opõem ao interesse por uma padronização, visto que após definir a capa com adornos geométricos e logotipo robusto, a revista manteve essa estrutura até 1936 (Fig. 03), com sutis alterações.

²⁰ CUNHA, *op. cit.*, p. 84-85.

²¹ *Ibid.*, p. 84.

²² NOGUEIRA, *op. cit.*, p. 73.

Figura 3. Capa típica da revista *Careta*



Fonte: Capa da revista 7 de julho de 1917. Essa diagramação prevaleceu e se manteve até 1936.
Acervo: HDBN.

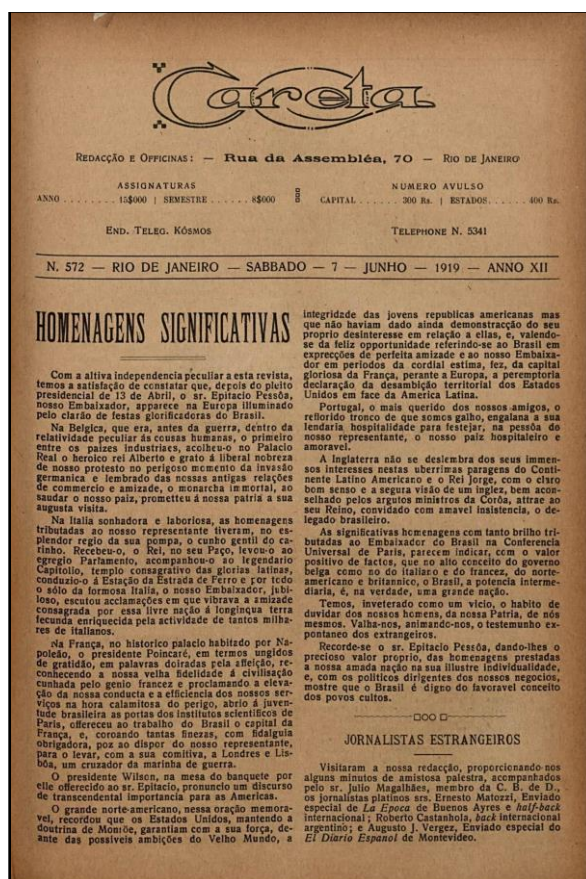
Seu valor, 300 réis na capital e 400 no interior até o início de 1920, era compatível com o de outras revistas ilustradas de variedades, como é o caso d'*O Malho* (RJ, 1902-1953) e da *Fon-Fon!*, que possuíam o mesmo preço. Era, portanto, um impresso acessível ao seu público-alvo, as camadas médias e letradas, provavelmente, e até mesmo a certa parcela da população mais pobre²³, ainda que no papel de um item supérfluo.

Durante a realização da pesquisa, foram pesquisadas duas versões da *Careta*: uma digital e outra, em papel. O início da investigação se deu na versão digital da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional até que em 2022 a Biblioteca da FCHS/UNESP inaugurou uma gibiteca cuja coleção de periódicos foi fruto da doação de um colecionador, a qual contava com diversas revistas, dentre elas a *Careta*. Com surpresa, notou-se que havia diferenças substanciais entre as versões digitais e em papel. A primeira delas possuía uma média de 40 a 50 páginas, sendo as primeiras e as últimas dedicadas exclusivamente à publicidade, elemento detentor de um importante papel nesse tipo de publicação por ser um modo de financiar as folhas e o meio que a imprensa periódica apresentava ao leitor a “cidade-mercado” que expressava as novas linguagens do viver

²³ A título de comparação, em 1908 o salário de um tecelão variava entre 600 e 1\$000 por dia. LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer *et al.* Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930: resultados preliminares. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 235-265, out. 1971, p. 256.

humano²⁴. A outra, com cerca de 20 páginas, dispensava as folhas de publicidade e trazia uma versão reduzida do conteúdo, removendo algumas ilustrações, fotografias e textos, mas sem alteração nos textos que foram mantidos. Além disso, algumas páginas contavam com o mesmo conteúdo, mas tinham diferentes numerações em cada versão, (Fig. 04 e 05), onde a primeira não tem indicação de página, mas a segunda tem, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo.

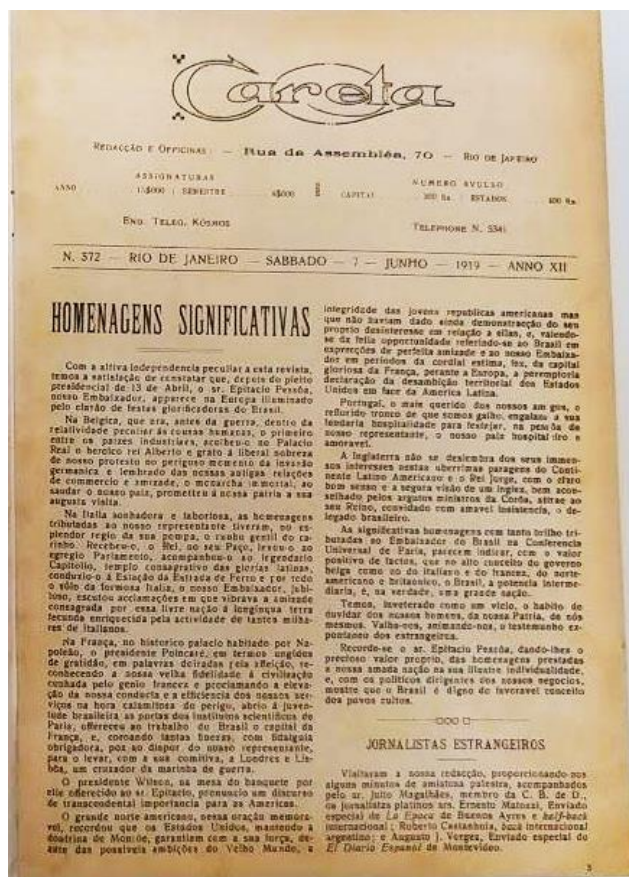
Figura 4. Careta, versão ampliada



Fonte: *Careta*, 7 de junho de 1919. Versão ampliada disponível na Hemeroteca. Acervo: HDBN.

²⁴ CRUZ, Heloísa de Faria. Ebook - **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana 1890/1915. 2. ed. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 98.

Figura 5. *Careta*, versão reduzida



Fonte: *Careta*, 7 de junho de 1919, versão reduzida. Apesar de possuir a mesma diagramação, é possível notar a numeração no canto inferior direito, ausente na versão estendida que pode ser consultada na Hemeroteca digital. Acervo: Biblioteca da FCHS/UNESP.

A grande quantidade e variedade de publicidade na versão mais completa suscita a hipótese de que a *Careta* devia circular muito, provavelmente rompendo as barreiras de classe social, indo além do público-alvo original a que supostamente se dirigia – letrados das classes médias e altas – o que devia ser facilitado pelo extenso número de imagens.

Apesar do aparente sucesso de sua proposta estética, ela não era o único atributo a atrair os leitores da *Careta*. As temáticas também cumpriam um papel central no conjunto da publicação. Era uma revista ilustrada e de variedades que abordava um pouco de tudo: esportes, moda, ciência, política, atualidades e literatura, sempre com sua característica crítica de costumes e humor satírico. Uma vez que tudo e todos eram, ou poderiam ser, assunto a ser tratado em suas páginas, os povos indígenas também não ficaram de fora das páginas da revista, como se viu no exemplo que abriu esta exposição. Entre 1908 e 1920, eles foram representados sob variadas óticas e sob a pena de diferentes colaboradores, por meio de textos, ilustrações e fotografias, apresentando ao leitor da *Careta* um complexo conjunto de

ideias que ajudarão a compor a análise da presente investigação, como se verá ao longo destas páginas.

O intuito da presente dissertação é analisar como as representações textuais e iconográficas dos povos indígenas ajudaram a difundir imaginários sobre o indígena na sociedade cosmopolita e francófila carioca do início século XX. Objetiva-se também localizar o posicionamento da *Careta* frente aos debates indigenistas do período, sempre se considerando a composição diversificada de seu corpo editorial.

Os povos indígenas brasileiros, amplamente retratados ao longo da história, foram alvo do olhar do colonizador que fixou certas recorrências estigmatizantes ou idealizadas que acabaram por sobreviver nos relatos, análises e imagens que se sucederam no tempo e possuíam um poder discursivo inerente e impermeável, ao menos até que outras vozes fossem ouvidas²⁵. Na *Careta*, alguns desses discursos estereotipados foram perpetuados, como analisaremos ao longo da dissertação.

Ainda que a historiografia a respeito dos povos tradicionais e suas relações com os não-indígenas conte com um grande número de estudos e a historiografia da imprensa periódica na Primeira República seja bastante profícua, o tema da presente pesquisa se mostra inédito ao trabalhar com o tema neste recorte espaço-temporal. Há um amplo campo a ser explorado a respeito da representação de indígenas na imprensa e alguns trabalhos já iniciaram esse percurso, dos quais ressalto o artigo de Flávio Braune Wiik e Rafael Pereira Simonetti sobre visões de caboclos e indígenas na imprensa durante a guerra do Contestado²⁶ e o artigo de Richard Santiago Costa, que tem como corpus os periódicos do final do Império²⁷.

Nas diversas representações de indígenas na *Careta* entre 1908 e 1920, foi possível perceber a diversidade de tipos encontrados. Uma forma de organizar o *corpus* da pesquisa foi formar séries com temáticas recorrentes, as quais foram divididas em quatro categorias, utilizando uma terminologia dada pelas próprias fontes: selvagem, catequizado, civilizado e romântico/idealizado.

²⁵ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999, p. 264.

²⁶ SIMONETTI, Rafael Pereira; WIIK, Flávio Braune. Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do *Diário da Tarde*. **Diálogos** (On-line), v. 21, p. 79-95, 2017.

²⁷ COSTA, Richard Santiago. Índios em preto e branco: o corpo indígena, a arte oficial e o discurso político na imprensa carioca no pós-1870. **Revista Interfaces** (UFRJ), v. 2, p. 101-117, 2013.

As representações categorizadas como *selvagens* incluem indígenas atrelados, ainda que virtualmente, à sua cultura ancestral e/ou que foram vistos como afastados da civilização, podendo ser classificados, em algumas situações, como bons ou maus selvagens. Sob a categoria de *catequizados* encontram-se todos os textos e imagens em que há a intenção de catequizar, domesticar ou pacificar os indígenas, bem como momentos em que eles ocupam um *status* intermediário entre civilizados e selvagens. Essas representações envolvem, sobretudo, as disputas de modelos civilizatórios levadas a cabo pela então professora Leolinda Daltro, responsável por cunhar o termo “catequização laica” que será melhor explicado no capítulo 1, e pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Criado no governo Nilo Peçanha em 1910 como parte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC) e mantendo até 1918 o nome de Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhador Nacional (SPILTN), embora fosse mais conhecido simplesmente como SPI, colocou a política indigenista sob responsabilidade do Estado Republicano, afastando a participação das instituições religiosas, tão marcante do período colonial²⁸. Daí o interesse de Leolinda Daltro se alinhar a seus anseios de absorção dos indígenas sob uma perspectiva então entendida como racional, científica e, sobretudo, republicana.

Como desdobrado por José Mauro Gagliardi, a presença mais ativa do Estado na catequização dos indígenas e o relativo afastamento da Igreja se relacionaram diretamente com o advento da República e eram reivindicados pelos positivistas²⁹.

Partindo do pressuposto de que o Estado era secular, lutavam para adequar as relações sociais ao novo quadro institucional. Assim como o casamento, o ensino, os cemitérios haviam sido secularizados, eles exigiam do governo uma atitude idêntica em relação aos índios, pois, embora proclamada a República, a catequese religiosa continuava sendo o meio utilizado para integrar esses povos.³⁰

As representações de *civilizados* dizem respeito às imagens e textos em que os indígenas aparecem como assimilados à sociedade do século XX e sua etnia não é tida como um elemento definidor de seu perfil. Por fim, a categoria que aqui se denominou como indígenas *românticos/idealizados* engloba tanto a ideia de indígena como pertencente a um passado distante, quanto à sua versão idealizada e romântica.

²⁸ MARIN, Jéri Roberto. A Santa Sé e o Serviço de Proteção ao Índio: as disputas entre a Igreja Católica e o Estado pela tutela e gestão das populações indígenas. **História** (São Paulo), [S.L.], v. 40, 2021, p. 4-5.

²⁹ GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a República**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

³⁰ Ibid., p. 94.

É importante ressaltar que essas divisões foram criadas sob uma perspectiva metodológica, inspiradas pela análise das séries que foram formadas a partir de uma seleção prévia de representações textuais e iconográficas de indígenas nas páginas da *Careta*, e nem sempre se encontram isoladas em suas páginas. Ao contrário, foi recorrente o diálogo e a coexistência entre elas, como se verá ao longo deste trabalho. Prevaleceu, além disso, a oposição entre civilização e barbárie ou, na mesma chave, civilizado e selvagem, como um discurso interiorizado que pauta todo o diálogo.

O conceito de representação aqui empregado é o elaborado por Roger Chartier na obra *História Cultural: entre práticas e representações* que as entende como expressões dos interesses, valores e ideias de quem as produz e da própria sociedade a qual fazem parte.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.³¹

Para o estudo das representações é preciso supô-las sempre em um campo de conflitos e competições com desafios em termos de poder e dominação, disputas essas que, segundo o autor, são tão importantes quanto disputas econômicas para compreender como um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, seus valores e seu domínio³².

As ideias de civilização e barbárie apresentadas na *Careta* e aqui trabalhadas se constituem em um cenário marcado pela busca desenfreada pelo progresso, ou seja, o alinhamento com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia³³, e se relacionam com a ideia de processo civilizatório descrita por Norbert Elias em *O processo civilizador: uma história dos costumes*. A ideia de civilização é, portanto, a expressão da autoimagem burguesa atrelada aos valores nacionais e o processo civilizatório seria uma consequência da suposta superioridade de seu próprio comportamento³⁴.

No final do século XIX e início do XX os conceitos de civilização e progresso não levavam em conta as particularidades de cada sociedade, ao contrário, eram compreendidos

³¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Algés: Difel, 2002b, p. 17.

³² CHARTIER, 2002b, p. 17.

³³ SEVCENKO, 1999, p. 29.

³⁴ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, vol. 1, p. 64.

como modelos universais³⁵ – e “universal” aqui tem uma forte conotação imperialista, afinal, eram padrões que emanavam da Europa e logo eram impostos como modelos “naturais” a serem seguidos. No Brasil, a possibilidade de se “civilizar” os indígenas foi uma questão anterior à Proclamação da República, já recorrente durante o período Imperial, sendo expressa nas questões norteadoras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)³⁶ e seu projeto de escrita de uma história nacional. O discurso mais recorrente entre os membros da instituição e que foi formalizado na famosa tese de Karl Friedrich Philipp von Martius tinha na figura do indígena um elemento redimível mediante a catequese, desde que abandonando o estado de barbárie e sendo inserido na civilização³⁷. Apesar de amplamente apoiada, alguns autores discordavam dessa visão e não acreditavam na capacidade de assimilação dos povos tradicionais, como é o caso de Francisco Adolfo de Varnhagen, apoiador de massacres contra a população indígena³⁸.

Como analisado por Lilia Schwarcz em *O Espetáculo das raças*, entre o final do século XIX e início do XX o argumento racial foi política e socialmente construído e o próprio conceito de *raça*, além de sua definição biológica, recebeu uma interpretação social³⁹.

O termo *raça*, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise.⁴⁰

Considerando-se esse cenário de disputas, busco, a partir da análise das representações de indígenas encontradas entre 1908 e 1920, lançar luz sobre o posicionamento da *Careta* e de seus colaboradores a respeito dos indígenas brasileiros e questionar as possibilidades e as condições de seu pertencimento, ou não, à nação que se constituía no início do século XX. A escolha por esse recorte temporal se deve ao interesse de estudar os anos iniciais da revista, antes da Semana de Arte Moderna de 1922 e da formalização do movimento modernista em São Paulo.

³⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930. 1ª ed., 18ª reimpressão: São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 75.

³⁶ TURIM, Rodrigo. A "obscura história" indígena: o discurso etnográfico no IHGB (1840-1870). In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p.89-90.

³⁷ SCHWARCZ, 2020., p. 146.

³⁸ Ibid., p. 148.

³⁹ Ibid., p. 23-24.

⁴⁰ Ibid., p. 24. Grifo da autora.

No campo historiográfico, muitas obras se dedicaram a pensar e analisar as relações entre os indígenas e a sociedade brasileira, seus processos de anexação e aculturação, e foram essenciais para a construção das ideias que compõem esse texto.

Como observado por Maria Regina Celestino de Almeida em *Índios e mestiços no Rio de Janeiro: significados plurais e cambiantes (séculos XVIII-XIX)*⁴¹, durante os períodos colonial e imperial a própria identidade dos indígenas foi fruto de questionamentos frequentes que se faziam presentes não apenas na esfera social e cultural, mas também na legislativa. Como analisado pela autora, as leis garantiam o direito indígena a terras coletivas e, por razões econômico-sociais e ideológicas, algumas autoridades, moradores e intelectuais buscavam afirmar a mestiçagem dos indígenas, contribuindo para seu desaparecimento enquanto categoria e justificando a extinção das aldeias⁴². O texto é fundamental para compreender como mesmo a autoidentificação como indígena foi, e ainda é, alvo de disputas políticas e ideológicas.

Da mesma autora, a obra *Os Índios na História do Brasil* traz um panorama sobre a história indígena no país desde as primeiras trocas com o europeu durante o período colonial até o fim do século XIX. Ao abordar a construção da etnicidade e nacionalismo após a Independência, Almeida diz:

É possível identificar pelo menos três imagens de índios nos discursos históricos, literários e políticos do oitocentos: os “idealizados do passado”, os “bárbaros dos sertões” e os “degradados” das antigas aldeias coloniais.⁴³

As representações identificadas na *Careta* são similares às imagens mencionadas pela autora, o que demonstra uma continuidade entre os discursos do final do século XIX e os do início do XX. Optei, porém, por dividir as categorias de civilizados/assimilados *versus* catequizados por conta das particularidades do debate sobre a catequese indígena que foram marcantes na revista durante o período estudado.

Representações de indígenas como selvagens não eram exclusividade da *Careta*. Em *Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do Diário da Tarde*⁴⁴, Flávio Braune Wiik e Rafael Pereira Simonetti demonstram como o jornal

⁴¹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Índios e Mestiços no Rio de Janeiro: significados plurais e cambiantes*. **Memória Americana**. Cuadernos de Etnohistoria, v. 16, p. 19-40, 2008.

⁴² ALMEIDA, 2008, p. 30-31.

⁴³ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. (Coleção FGV de bolso, Série História), p. 137.

⁴⁴ SIMONETTI; WIIK, 2017.

mencionado utilizou de termos como “bugre” e “botocudo” como sinônimos de inferioridade e violência, embora também defendesse a necessidade de *pacificação* dos povos indígenas por parte das autoridades públicas e sua assimilação à sociedade, elogiando o papel do Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhador Nacional (SPILTN) . Vê-se, portanto, que não havia consenso no periódico sobre os tratamentos que deveriam ser direcionados aos indígenas, sendo eles enxergados sob a ótica de *bons* e *maus* selvagens⁴⁵.

Assim como o *Diário da Tarde*, a *Careta* trazia diferentes abordagens sobre o mesmo tema, reflexo de seu corpo editorial heterogêneo. Essa é apenas uma das várias características a que um historiador da imprensa periódica deve se atentar, pois é necessário compreender as particularidades necessárias desse tipo de fonte.

Em *O Beijo de Lamourette*, uma obra basilar no campo de estudo do impresso em geral, Robert Darnton apresenta a importância dos suportes materiais dos textos na relação entre o leitor e o que é lido, defendendo uma estratégia dupla que compreende análise textual e a pesquisa empírica⁴⁶. O autor também demonstra o livro como mais do que um objeto de consumo comum, mas também parte de um complexo circuito de comunicação⁴⁷, de modo que para compreendermos a história da leitura é preciso ir além dos textos publicados e das fotografias, lançando luz sobre a relação entre público e periódico, para entender as preocupações dos editores da revista em relação às temáticas, às artes e até mesmo à qualidade gráfica.

Como nos apresenta o artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos* escrito por Tania Regina de Luca, que compõe o livro *Fontes Históricas* organizado por Carla Bassanezi Pinsky, ao utilizar revistas como fontes torna necessário aprofundar-se na análise do discurso, ou seja, não apenas entender o que foi dito, mas também onde, como e por quem.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.⁴⁸

⁴⁵ SIMONETTI; WIIK, 2017, p. 90.

⁴⁶ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 167.

⁴⁷ Ibid., p. 112.

⁴⁸ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 140.

No texto a autora também apresenta o surto de revistas ilustradas e de variedades que durou décadas e iniciou-se com a *Revista da Semana* (RJ, 1900-1918), de Álvaro Teffé⁴⁹. As revistas ilustradas, das quais a *Careta* era um exemplo, usavam a diagramação agradável, amplo espaço para imagens e temática variada, como o próprio nome já diz, para conquistar o maior público possível diante do minguado número de leitores⁵⁰.

O livro *A História da Imprensa no Brasil*, organizado por Ana Luíza Martins e Tania de Luca traz textos sobre as diferentes fases de desenvolvimento dos meios de comunicação impressos no país. No capítulo *Imprensa a serviço do progresso* Maria de Lourdes Eleutério traz um panorama sobre os aprimoramentos técnicos que possibilitaram transformações múltiplas na imprensa brasileira, permitindo o uso de ilustrações diversificadas, aumento das tiragens, menor custo de produção e melhor qualidade de impressão, além de aparatos que auxiliavam a administração da empresa editorial, como o telefone e o telégrafo⁵¹.

Em *O Moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890-1930*, Cláudia de Oliveira, Mônica Pimenta Velloso e Vera Lins discorrem mais especificamente sobre as revistas modernas. Na segunda parte do livro, escrita por Velloso, a autora demonstra como a última década do século XIX e as primeiras do XX representaram o início do processo de comunicação em massa do Brasil, um cenário em que as revistas ocupam um lugar estratégico na expressão e divulgação dos ideais modernos enquanto "obra em movimento", articuladas ao cotidiano de seus leitores e interagindo com a realidade imediata, em contraste com a temporalidade eterna do livro e a momentânea do jornal. Ademais, existe uma troca entre as revistas e seu público, de modo que as mesmas buscam aprimorar-se para se aproximar dos leitores⁵².

A interação entre a cultura e o social é abordada por Roger Chartier na obra *À Beira da Falésia*, livro em que, ao dissertar sobre as diferentes mudanças de paradigmas que a historiografia passou durante o século XX, o autor apresenta o cultural e o social como esferas interligadas a partir de um conjunto de significações e aborda também a relação entre o texto

⁴⁹ LUCA, 2005, p. 121.

⁵⁰ Ibid., p. 121.

⁵¹ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luísa; LUCA, Tania Regina de (org.). **A História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 83-84.

⁵² VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera (org.). **O Moderno em Revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 43-46.

e o real construída "de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios a cada situação de escritura"⁵³.

Para a análise das ilustrações e fotografias utilizarei o método iconológico de Erwin Panofsky, que divide em três os temas das imagens: o primário ou natural, que diz respeito à identificação das formas puras, o secundário ou convencional, a ligação entre motivos artísticos, assuntos e conceitos, e por fim o significado intrínseco ou conteúdo, a análise dos princípios subjacentes que revela a atitude básica de uma nação, classe, período ou crença condensados em uma personalidade ou obra⁵⁴. Ou seja, respectivamente, as etapas de análise pré-iconográfica, iconográfica e iconológica, sendo a última um método pautado mais na síntese do que na análise⁵⁵ e que dialoga diretamente com as ideias de Ernest Cassirer que vê o homem como um *animal simbólico* vivendo em um universo que é mais do que puramente físico⁵⁶.

A descoberta e interpretação desses valores "simbólicos" (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por "iconologia" em oposição a "iconografia".⁵⁷

Auxiliada pelo descrito referencial teórico-metodológico e a partir dos quatro modelos de representação encontrados – o selvagem, o civilizado, o catequizado e o romântico/idealizado – buscou-se lançar luz sobre as condições de inserção do indígena na sociedade da *Belle Époque* e compreender como a revista se posicionava frente ao debate indigenista do período.

Devido ao diálogo constante entre as diferentes representações, optou-se por uma divisão de capítulos atrelada a limites geográficos referentes a cada fonte analisada, sempre tendo em mente que o discurso da *Careta* para sempre de uma perspectiva urbana. O primeiro capítulo, *Pelas ruas da cidade*, dedica-se ao ambiente citadino, cenário de grandes conflitos referentes à presença de indígenas, que em alguns momentos eram elogiados, em outros expulsos violentamente. No segundo, *Florestas de mata virgem*, me debruçarei sobre o indígena do meio rural ou das florestas, representações quase sempre acompanhadas da

⁵³ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Universidade/Ufrgs, 2002a. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos, p. 56.

⁵⁴ PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1991, p. 50-52.

⁵⁵ PANOFSKY, 1991, p. 54.

⁵⁶ CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem. 2. ed. Mestre Jou: São Paulo, 1977.

⁵⁷ PANOFSKY, op. cit., p. 53.

disputa a respeito da catequização, ou não, de tais grupos, assunto amplamente debatido na *Careta*. Por fim, o terceiro capítulo, *Os indígenas estrangeiros*, aborda as representações de etnias de outros países e suas diferenças de tom em relação aos comentários sobre indígenas brasileiros, recorrentemente retratados como inferiores quando comparados com os estrangeiros.

4. Considerações finais

Na presente dissertação foram analisados doze anos da história de uma revista ilustrada que teve uma presença impactante na imprensa periódica nacional. A *Careta* fazia parte do cotidiano de seus leitores, levando o riso, a crítica, a prosa e a poesia para diversas camadas sociais. Acompanhando as várias fases do Brasil, suas crises políticas e eventos relevantes, o periódico marcou gerações e, com suas publicações de temáticas diversas, acabou por registrar alguns aspectos da história indígena, mesmo que não fosse esse o intuito de seus colaboradores, representando os povos tradicionais sob diversas óticas ao longo dos anos estudados.

Como elaborado por Roger Chartier, as representações são determinadas pelos interesses do grupo que as formam e compõem um campo de disputas em termos de poder e dominação³³⁸. Na *Careta*, as representações de indígenas permitem entender como algumas parcelas da sociedade possuíam diferentes visões sobre o papel dos povos tradicionais na sociedade brasileira, alguns defendendo a catequese religiosa para incorporação, outros advogando pela civilização em moldes laicos e também havia quem desacreditava na integração dos indígenas à nação. Mesmo dentro da redação da revista observou-se a existência de vozes dissonantes, revelando o campo de tensões em torno da “questão indígena”, como dito no período.

Com o objetivo de analisar, refletir e compreender mais sobre a maneira como os indígenas brasileiros eram vistos no início do século XX, optou-se pela divisão do *corpus* em quatro categorias que se sobrepõem e cujas palavras foram retiradas das próprias fontes: selvagem, civilizado, catequizado e romântico/idealizado. A *Careta* representou uma visão urbana sobre os povos indígenas, onde o distanciamento e preconceitos (culturais e étnicos) atuaram como catalisadores para visões estigmatizantes sobre os mesmos. A própria pretensão de universalidade para conceitos como cultura, civilização e progresso demonstra um viés excludente, uma vez que não deixa espaço para a multiplicidade cultural e étnica do país.

No ambiente urbano os indígenas foram frequentemente representados como elementos destoantes do cenário que se buscava criar em uma metrópole moderna, pois sua presença causava medo, desconforto e estranhamento. Para fugir desse estigma, era necessário um grande mérito de diferenciação individual, como observado no caso de Libânio Coloiosêrêcê, um militar de sucesso e cavalheiro admirado nas páginas da revista, uma

³³⁸ CHARTIER, 2002b, p. 17.

impressão que deve muito à sua capacidade de ser assimilado à cultura moderna. Ao mesmo tempo, a *Careta* chegou a ridicularizar grupos de indígenas que visavam estudar e aprender as artes “civilizadas”, como é o caso da banda musical dos bororós.

O conceito de civilização defendido na *Careta* poderia ser considerado, como já notara Norbert Elias, uma expressão da autoimagem burguesa atrelada a valores nacionais³³⁹. Numa sociedade que prezava pela cultura europeia sintonizada com o ritmo da modernidade, a ideia de civilização é tida como um conceito universal³⁴⁰ e, sem surpresa, visto como oposto às expressões culturais dos povos indígenas, os quais foram frequentemente retratados como bárbaros e atrasados, sendo ameaçados, inclusive, de extermínio, o que infelizmente ocorreu com muitos deles.

Em meio a esse cenário, chama a atenção as vezes que a revista saiu em defesa dos indígenas, como na questão carnavalesca, em que as fantasias “de índio” foram noticiadas como autênticos nativos, e na disputa territorial dos irmãos xerentes, Joaquim Lima, Porfíria Brugada e Gabino de Souza. Ambos os casos se devem à postura da *Careta* de oposição aos autoritarismos da polícia e dos governantes, mas também refletem o reconhecimento de direitos indígenas, em especial na questão da terra.

As publicações sobre a presença indígena na cidade revelam que não existia espaço para os povos tradicionais sob as luzes da capital, devendo os mesmos se aculturarem no intuito de integração ou se restringirem às matas. O estereótipo do indígena selvagem das florestas foi o mais recorrente nas fontes analisadas e teve papel fundamental no imaginário coletivo, com suas consequências ecoando até os dias atuais. De maneira geral, a ideia de povos indígenas retratada na *Careta* não dizia respeito a etnias ou indivíduos específicos, relegando-os a posições generalizantes e visões que tenderam a homogeneizá-los sobre a etiqueta de “índios”, ignorando a vasta composição étnica dos nativos brasileiros e suas diferenças culturais.

A catequização aparece como elemento imprescindível, salvo nos textos de Lima Barreto, para assimilar os indígenas à unidade nacional, destacando-se as figuras de Cândido Rondon e Leolinda Daltro como porta-vozes de uma catequese laica e de acordo com preceitos positivistas e racionais. Historicamente, ela foi responsável pela aculturação de inúmeros indígenas desde o início da colonização e, mesmo em sua vertente laica e positivista, expressava um desejo pela assimilação dos nativos à sociedade ocidental, desde

³³⁹ ELIAS, 1994, p. 64.

³⁴⁰ SCHWARCZ, 2020, p. 75.

que adaptados à cultura moderna. Essa disputa acerca da catequização é bastante extensa e há muito a ser explorado sobre o papel da imprensa nesse processo.

Críticas podem, e devem, ser feitas à busca por “civilizar” os indígenas. Entretanto, a defesa pela catequese laica representava, no contexto da época, o reconhecimento da possibilidade de integração dos indígenas à sociedade brasileira e, em alguns casos, o desejo por tal inclusão. Nessa perspectiva, a *Careta* se diferencia, ainda que não se oponha, de ideais que, no final do século XIX e início do XX, defenderam o afastamento e até mesmo o massacre das comunidades indígenas por, supostamente, não se encaixarem nas concepções de modernidade. A própria exaltação constante dos feitos de Rondon por parte desta revista revelava uma postura mais pacifista de parte dos colaboradores do periódico, já que sua Comissão foi a primeira iniciativa estatal que penetrou o interior do país sem usar abertamente da violência³⁴¹.

Os indígenas habitantes do interior do país foram muitas vezes retratados como exóticos, evocando a imagem romântica há muito a eles associada e, no caso do anúncio de *Dynamogenol*, até mesmo mágica e transcendental. Porém, a idealização dos nativos do século XX não estava tão relacionada com os ideais nacionalistas que deram origem ao mito romântico da literatura indigenista, mas sim com o culto ao corpo e com o conceito de liberdade – embora uma certa nostalgia da vida do campo em oposição à supostamente caótica e corrompida vida da cidade guarde ecos rousseauianos. Assim, os indígenas idealizados apareciam representados como símbolo de vigor, força e saúde nas propagandas de medicamentos, enquanto eram também vistos como os últimos homens livres e não corrompidos pelas vicissitudes da civilização e da vida urbana, segundo Puck e, por vezes, que assim os alçava à condição de verdadeiros heróis.

No terceiro capítulo, os textos e as imagens analisadas, ainda que sejam, em quantidade, menos expressivos do que o observado nos capítulos anteriores, mantêm o discurso de oposição entre civilização e barbárie. Sua singularidade é a de enfatizar, pelo contraste, o atraso do indígena brasileiro em relação ao estrangeiro. Excetua-se o caso de Salvador Tambeiro, criticado e definido como “índio rude” por ter matado Saldanha da Gama.

Os povos originários nacionais tiveram sua presença marcada nas representações colocadas em marcha em expressões artísticas, como a literatura e artes plásticas, que ajudaram a compor um imaginário a serviço da criação de uma identidade nacional que idealizava o indígena a ponto de o anular como cidadão brasileiro legítimo e no direito de

³⁴¹ LIMA, 1992, p. 19.

gozar autonomia em seu próprio país de origem. Salvo raros exemplos, como é o caso de Libânio e dos irmãos Xerentes, os povos indígenas foram constantemente vistos como apartados da sociedade e/ou tutelados, seja pelo Estado, seja pela professora Daltro.

Analisando as representações de indígenas na *Careta* foi possível lançar luz sobre a posição dos povos tradicionais na sociedade brasileira do início do século XX, um período pouco estudado pela historiografia, fator sintomático da exclusão enfrentada pelos indígenas. Há um amplo campo a ser explorado, mesmo na área da história da imprensa. Não foi possível estabelecer comparações com outras revistas ilustradas, tampouco com as literárias, o que poderia refletir diferentes visões de acordo com classe social ou nível de erudição, um eixo que pode se mostrar produtivo para futuras investigações. Além disso, a presente dissertação se limitou ao escopo do que foi abordado na *Careta*, deixando de lado uma história social acerca dos indígenas que viviam no Rio de Janeiro no período, outra temática importante de ser estudada e cotejada com as representações, o que pode apontar para um futuro desdobramento desta primeira incursão. Do mesmo modo, muito ainda pode ser pesquisado sobre a relação entre representações dos indígenas na imprensa brasileira e suas visões particulares sobre povos indígenas, procedimento que também pode ser aplicado à investigação sobre as diversas visões que se tinha a respeito do Serviço de Proteção ao Índio, outro palco de luta de representações que teve resultados na adoção (ou ausência) de políticas públicas.

Seja pela via romântica, seja pela via cientificista, os indígenas eram quase sempre compreendidos como inferiores e atrasados, selvagens e ameaçadores, incapazes e vagabundos, representações que são retomadas à exaustão também pela *Careta* e que ajudaram a justificar a histórica exclusão e até mesmo a eliminação física de vários povos indígenas resultando em um dos maiores genocídios já ocorridos no planeta. E tudo isso em nome da civilização, cujos ideais eram tão bem defendidos nas páginas da grande imprensa ilustrada e mundana da época, como a que serviu de objeto de análise. Com algumas poucas vozes dissonantes, como Lima Barreto, Leonilda Daltro ou mesmo Rondon, essa tragédia humana se desvelou aos olhos indiferentes das elites que poderiam e deveriam ter evitado esse processo.

Alternando entre posturas conservadoras e progressistas, críticas e elogios à catequização, sátiras e apreciação da selvageria, a revista permitiu que o leitor atento dialogasse com seus diversos colaboradores e entrasse em contato com um debate que estava longe de ser sedimentado, pois até hoje é um campo de disputa: qual o papel dos indígenas na

sociedade brasileira? Para a *Careta*, sua posição era como isolada ou assimilada, mas em uma condição inferior à ocupada pelos brancos. Esse discurso, infelizmente, ainda se mostra bastante atual pois, mais de um século depois do período estudado, os povos tradicionais ainda precisam lutar por seu direito à terra, por presença política, por valorização e reconhecimento de seus valores culturais.

Referências Bibliográficas

Bibliografia

Livros e capítulos de livro

- ABREU, Alzira Alves de (org.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República** [Recurso eletrônico]: 1889-1930. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- ABREU, Maria Emília Vieira de. **Professora Leolinda Daltro**: uma proposta de catequese laica para os indígenas do Brasil 1895-1911. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**: Império - a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALMEIDA, Maria Regino Celestino de. Índios e Mestiços no Rio de Janeiro: significados plurais e cambiantes. **Memória Americana**. Cuadernos de Etnohistoria, v. 16, p. 19-40, 2008.
- ALMEIDA, Maria Regino Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. (Coleção FGV de bolso, Série História).
- ALMEIDA, Marlene Medaglia. **Na trilha de um andarengo**: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.
- AZEVEDO, Célia M.M. **Onda Negra, Medo Branco** – o negro no imaginário das elites – séc. XIX. SP: Paz e Terra, 1987.
- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BARBOSA, Francisco Assis de. **A Vida de Lima Barreto**: 1881-1922. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BELTRAMIM, Fabiana Marcelli S. **Entre o estúdio e a rua**: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano. 2015. 457 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BIGIO, Elias dos Santos. **Linhas telegráficas e integração de povos indígenas**: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930). 1996. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Política e Social do Brasil, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRASIL, Eric. **Carnavais atlânticos**: cidadania e cultura negra no pós-abolição. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2016.
- CABRAL, Dilma. **Luís Felipe de Saldanha da Gama**. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/2/70-biografias/1022-luis-felipe-de-saldanha-da-gama>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco**: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARVALHO, Pedro Libânio Ribeiro de. **Comissão Rondon (1900-1915)**: redesenhando os sertões e os povos indígenas no mapa do Brasil. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem. 2. ed. Mestre Jou: São Paulo, 1977.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 4ª reimpressão.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Universidade/Ufrgs, 2002. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: Difel, 2002.

- CRUZ, Heloísa de Faria. Ebook - **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana 1890/1915. 2. ed. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.
- CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas *Fon-Fon!* e *Careta* (1908-1921). Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, 2008.
- CUNHA, Manuela Carneiro da Cunha (Org.). **História dos Índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, vol. 1.
- FIGUEIREDO, Joana Bosak de. **A tradução da tradição**: gaúchos, guaxos e sombras - o regionalismo revisitado de Luis Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes. 2006. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Comparada, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a República**. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- GÓES, Fred. O carnaval elegante de Figueiredo Pimentel. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 21-31, nov. 2015, p. 24;
- GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). **Literaturas e escritas da imprensa**: Brasil/França, século XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- GUIMARÃES, Valéria dos Santos. **Notícias diversas**: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- JESUS, Christianne Theodoro de. **Memórias da repressão política na Primeira República**: relatos jornalísticos, memorialísticos e literários da repressão florianista durante a Revolta da Armada (1893-1894). 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas-FGV, Rio de Janeiro, 2018.
- JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. Londres: Sage Publications, 2004.
- LACKENBAUER, P. Whitney; MANTLE, Craig Leslie (ed.). **Aboriginal peoples and the canadian military**: historical perspectives. Kingston: Canadian Defence Academy Press, 2007.
- MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta* (1919-1922). 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MARTINS, Ana Luísa; LUCA, Tania Regina de (org.). **A História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MENCARI, Filipe Prado. **"São Wenceslau"**: o governo Wenceslau Braz na imprensa de humor (1914-1918). 2019. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal Fluminense -UFF, Niterói, 2019.
- MENDES, Hugo Santiago. **O Bombardeio de 1912**: disputa política e cotidiano na Bahia na Primeira República. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NEEDELL, Jeffrey D.. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera (org.). **O Moderno em Revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1991.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.
- RAMINELLI, Ronald. **Imagens da Colonização**: A Representação do Índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- RIBEIRO, Darcy. **O Indigenista Rondon**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014
- SATTERLEE, Anita. **The Carlisle Indian Industrial School**. 2002.
- SCHADEN, Egon. **Aculturação Indígena**: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- SCHADEN, Egon (org.). **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, epub.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930. 1ª ed., 18ª reimpressão: São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SERAPHIM, M. N. **A catalogação das pinturas a óleo de Eliseu d'Angelo Visconti**: o estado da questão. 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da Vida Privada no Brasil** – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Ligia Osorio. **Terras devolutas e latifúndio**: efeitos da lei de 1850. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STUMPF, Lúcia Klück. **A terceira margem do rio**: mercado e sujeitos na pintura de história de Antônio Parreiras. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Artigos de revista

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **História Hoje**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 21-39, jul./dez. 2012.
- AZEVEDO SOBRINHO NETO, Joachin de Melo. Modernismo, futurismo e polêmicas literárias na revista *Careta* (1909-1922). **Saeculum** (UFPB), João Pessoa, v. 37, p. 111-125, 2017.

- BOAS, Franz. On Certain Songs and dances of the Kwakiutl of British Columbia. **The Journal Of American Folklore**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 49-64, abr./jun. 1888.
- BUENO, Alexandra; MARACH, Caroline. A Questão Indigenista a Partir da Perspectiva de Diferentes Escritores(A) Na Virada Do Século XIX E Início Do Século XX. **Revista da Faebea - Educação e Contemporaneidade**, [S.L.], v. 31, n. 67, p. 143-162, 16 ago. 2022.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Do Apolo de Belvedere ao Guerreiro Tupinambá: Etnografia e convenções renascentistas. **História**, São Paulo, vol. 25, n. 2, p. 15-47, 2006.
- COSTA, Richard Santiago. Índios em preto e branco: o corpo indígena, a arte oficial e o discurso político na imprensa carioca no pós-1870. **Revista Interfaces** (UFRJ), v. 2, p. 101-117, 2013.
- CUNHA, Rubelise da. Deslocamentos: o entre-lugar do indígena na literatura brasileira do século XX. **Portuguese Cultural Studies**, v. 1, p. 51-62, 2007.
- DUARTE, Marcello Felipe. Lideranças indígenas e liberalidades régias: expansão e limites da justiça distributiva no império português - o caso emblemático de Araribóia. **Dia-Logos**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 143-157, nov. 2013.
- GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. **Artcultura**, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, jul. 2014.
- KALIFA, Dominique.; Trad. RODRIGUES Suelen Amanda. Arqueologia do “Apachismo”: bárbaros e peles-vermelhas no século XIX. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 40, 2011.
- KOK, Glória. **Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 91-109 jul.- dez. 2009.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. Sobre tutela e participação: povos indígenas e formas de governo no Brasil, séculos XX/XXI. **Mana**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 425-457, ago. 2015.
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer *et al.* Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930: resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 235-265, out. 1971.
- MARIN, Jérri Roberto. A Santa Sé e o Serviço de Proteção ao Índio: as disputas entre a Igreja Católica e o Estado pela tutela e gestão das populações indígenas. **História** (São Paulo), [S.L.], v. 40, 2021.
- MURARI, Luciana. A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p. 159-183, dez. 2010.
- NAXARA, Márcia R. C.. Brasil e Brasileiros - Ensaio de caracterização. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 129-13, 1995.
- NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista *Careta* (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, Assis, v. 8, 2010.
- OLIVEIRA, Roberta C. C.. Do Sesmarialismo à Lei De Terras: a negação dos direitos territoriais indígenas. **Emblemas** (UFG. Catalão), v. 16, 2019.
- PEREIRA, M. A. C. S.. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. **Arqtexto** (UFRGS), v. 16, p. 6-27, 2010.
- QUEBEC, Anglican Diocese Of. **Our bishop**. Disponível em: <https://quebec.anglican.ca/quebec/our-bishop>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- RAMPINELLI, W. J. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 90-107, 8 set. 2011.
- REEVE, Frank D.. The Apache Indians in Texas. **The Southwestern Historical Quarterly**, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 189-219, out. 1946.
- ROCHA, Maria Vital da; MELO, Álisson José Maia. Direito à terra como um direito da personalidade indígena: o estudo de caso do conflito de terras da tribo Guarani-Kaiowá. **Revista Jurídica Cesumar - Mestrado**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 635-661, 20 dez. 2017.
- SANTOS, Jucenilton Alves dos; GUSMÃO, Maria Aparecida Pacheco. A paródia como gênero textual em um olhar discursivo bakhtiniano: uma relação de intertextualidade. **Linguagem e Letramentos**, Cajazeiras, v. 8, n. 1, p. 32-45, jan-jun, 2018.

- SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. Leolinda Daltro: trajetória e memória de uma “missionária” entre os “silvícolas” do Araguaia e Tocantins. **Revista Veredas da História**, Salvador, v. 4, p. 30-49, 2011.
- SHARPE, Chris. Enlistment in the Canadian Expeditionary Force 1914-1918: A Re-evaluation. **Canadian Military History**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 17-60, 2015.
- SIMONETTI, Rafael Pereira; WIIK, Flávio Braune. Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do *Diário da Tarde*. **Diálogos** (On-line), v. 21, p. 79-95, 2017.
- The Social Science Research Council Summer Seminar On Acculturation (1953). Acculturation: an exploratory formulation. **American Anthropologist**, [s. l], v. 56, n. 6, p. 973-1000, dez. 1954.
- TURRILL, William Bertram. John Christopher Willis 1868-1958. **Biographical Memoirs Of Fellows Of The Royal Society**, [s. l], v. 4, p. 353-359, nov. 1958.
- URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, [S.L.], n. 11, p. 1-11, 1 dez. 2012.
- VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. Povos indígenas do Brasil: um olhar sobre a política indigenista oficial da Colônia à República. **Incelências**: Revista da PROG-Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - Centro Universitário CESMAC, Maceió, v. 4, n. 1, p. 1-21, jan. 2015.
- WISNIEWSKI, Fernanda. A terra indígena da Guarita - RS e seu processo de formação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011.

Literatura

ALENCAR, José de. **Iracema**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016

Fontes

Almanaque

Almanak Laemmert (RJ), 1891-1940.

Revistas

Careta (RJ), 1908-1960.

Fon-Fon! (RJ), 1907-1958.

Jornais

Gazeta de Notícias, 1911.

Jornal da Semana, 1953.

Le Petit Journal (Paris), 1907.

Leis

BRASIL. Lei nº 2321, de 30 de dezembro de 1910. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1910**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. v. 1, p. 105.